

ENTREVISTA COM O PROFESSOR IGNÁCIO DE MOURÃO RANGEL*

- GEOSUL: Perguntamos, inicialmente ao Professor Rangel, data e local de nascimento, cidades em que morou, e outras informações biográficas.

- PROF. RANGEL: Ignácio de Mourão Rangel, Maranhense, nascido em Mirador, cidade do Alto Itapecuru, em vinte de fevereiro de 1914. É... vivi em várias localidades do interior do Maranhão e aos 12 anos fui para São Luís fazer o ginásio e aí fiquei até me retirar, até me mudar para o Sul. Comecei meu curso de Direito já no Maranhão e vim terminá-lo no Rio muitos anos depois. Formei-me em Direito, mas já na escola de Direito eu tinha escolhido economia como a matéria da minha predileção e depois fiz curso de pós-graduação de economia na CEPAL, em Santiago do Chile, em 54. Fui assessor do Presidente Getúlio Vargas, do Presidente Juscelino, de Jango, de Jânio e fui... me concursei para o BNDE, onde trabalhei por vinte e três anos até a aposentado-

*Participaram desta entrevista, realizada em outubro de 1987, os professores Armen Mamigonian, Maria Dolores Buss e Raquel Fontes do Amaral Pereira e os alunos Everton Vieira Machado e José Messias Bastos do programa de Pós-Graduação em Geografia.

ria. Aposentei-me há doze anos, mas a rigor continuo trabalhando, inclusive para o BNDE. Tenho já uma dúzia de livros publicados, e entre os que tiveram maior destaque está a **Inflação Brasileira** que está saindo em uma sexta edição agora... **Elementos de Economia de Projeto** do qual está saindo a segunda edição e o trabalho que me pareceu definitivo na minha vida que é a **Dualidade Básica da Economia Brasileira**, o resto são livros de menor fôlego.

- GEOSUL: Professor Rangel, gostaríamos de saber como é que se deu a sua aproximação com a Geografia, como é que o senhor entrou em contato com a Geografia.

- PROF. RANGEL: Bom... A Geografia, no meu tempo, era matéria do ginásio. Eu fui bom aluno de Geografia e quanto à aproximação, é melhor perguntar ao Armen e a Cleonice Le Bourlegat, de Mato Grosso, que foram justamente os que me puseram em contato com os geógrafos brasileiros. Nunca me tive por geógrafo e com o geógrafo o meu diálogo é o diálogo que pode ter o economista.

- GEOSUL: Em criança, como é que você viu a Geografia? A sua aproximação com a Geografia pelo que se sabe parece que ocorreu por intermédio de seu pai com quem, nos primeiros anos, você estudava. Esse seu contato inicial, quem sabe através de seu pai ou através dos livros, quer dizer, antes desse contato propriamente com o professor Armen e a Professora Cleonice, como é que se deu?

- PROF. RANGEL: Bom... não é possível ser apenas economista. O economista que não seja um pouco geógrafo não é economista. A visão planetária da economia implica também, uma visão do embasamento geográfico do planeta, e para isto, evidentemente, eu tive que estudar geografia. Na minha biblioteca a geografia ocupa um lugar de relativo destaque. Lá estão compêndios e obras sobre geografia, atlas, vários atlas, inclusive o atlas que foi de meu pai, datado de 1911, que já foi encadernado duas vezes, mas continuo a querer bem àquele atlas, porque foi por ele, através dele realmente que eu me familiarizei com a Terra, como um conjunto, como um universo. Através desse atlas - existe atlas

muito melhor do que esse, esse é de La Blache - e tenho atlas bem melhores do que esse, bem mais modernos que tiveram naturalmente na minha vida, uma influência menos relevante do que esse. Esse é um atlas geográfico e histórico, que teve realmente muita influência na minha formação.

- GEOSUL: Pelo que se conhece da sua história pessoal, de vida, seu pai foi juiz, não é? E o Maranhão, por outro lado, parece ser um estado com uma riqueza, com uma natureza, vamos dizer assim, bastante diversificada. Ele tem, por exemplo, o seu lado quase que amazônico onde vamos encontrar uma paisagem natural bastante diversificada, pelo menos bastante diferenciada das outras áreas do próprio estado do Maranhão. O fato do seu pai ser juiz e sendo, imaginamos, constantemente transferido de um lugar para o outro, o seu contato com as diferentes regiões do Maranhão e também posteriormente, o fato do senhor ter vindo para o Sul, também não teria influenciado essa sua percepção do natural, quer dizer, olhar o natural sempre à partir dessa sua vivência já desde menino, que vivia de um lugar para o outro, de uma cidade para a outra?

- PROF. RANGEL: É óbvio... Meu pai vivia sendo removido de um lugar para outro, era juiz, e juiz de oposição, fazia política contra o governo, estava sempre sendo deslocado daqui para acolá, e no sertão eu era o menino que tinha vivido no litoral e, portanto, contava estórias de barcos, de barcos à vela, essa coisa...

No litoral eu era o menino que sabia andar a cavalo desde cedo, que sabia as coisas que um garoto sertanejo deve saber. E na Região Leste do Maranhão que é a Região Nordestina do Maranhão, é muito, realmente muito diferente da Região onde eu vivi. Numa e noutra, em cada parte eu era o menino que chegava, que os outros se reuniam em torno de mim para ouvir, estórias de outras regiões, pois o Maranhão é de uma geografia muito diversificada, de fato é um convite para o estudante de Geografia.

- GEOSUL: Professor Rangel, o senhor destaca entre as suas obras, a que trata sobre a questão da dualidade brasileira, como sendo a mais importante, de maior significação, não é? Então

perguntamos, como é que você destaca o papel, ou seja a importância da difusão da teoria da dualidade dos ciclos econômicos para os geógrafos, e sua utilização pelos geógrafos no ensino ou na pesquisa, tentando explicar aspectos da produção espacial, da organização espacial, em particular o caso brasileiro no contexto nacional ou a nível do contexto regional, enfim qual a importância da teoria da dualidade para a Geografia, no entendimento da organização espacial?

- PROF. RANGEL: A dualidade, primeiro eu a percebi a partir da perspectiva do jurista que é a minha formação original. Tenho um primeiro texto mais ou menos corrente sobre a teoria da dualidade, uma prova de direito civil que eu fiz em fevereiro de 47 na Faculdade, na antiga Faculdade Nacional de Direito, hoje Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É provavelmente o texto mais antigo. Depois minha colaboração com Guerreiro Ramos me fez prestar atenção, naquilo que me parecia uma coisa natural e que quase todo mundo tem obrigação de perceber. O Guerreiro me mostrou que não, que aquilo era uma idéia que realmente merecia ser trabalhada. Bom... na hora em que foi organizada a profissão de economista, eu não podia me inscrever como economista pela porta normal, que era a porta do curso, porque eu não era formado em economia. Eu também não podia me inscrever como economista alegando ter assessorado o governo em entidades paraestatais por cinco anos no mínimo, porque eu tinha assessorado todas elas, mas por períodos menores do que cinco anos. Então, a única porta aberta era a chamada porta do notório saber. Eu tinha que escrever um livro e requerer na fé desse livro o posicionamento como economista. Esse livro foi escrito em talvez quatro fins de semana, porque durante toda a semana eu não tinha tempo absolutamente de voltar para isso. Eu estava trabalhando na assessoria do Presidente Vargas, inclusive na lei que desembocaria na ELETROBRÁS e aos sábados e domingos eu ia para minha casa, porque durante a semana eu ficava na cidade e aí trabalhava. Em quatro semanas, quatro fins de semana saiu o livro que foi lançado, e com base no qual eu fui reconhecido como economista. Com base nele também eu tive a bolsa de estudos para as Nações Unidas (CEPAL, Santiago do Chile), mas foi um trabalho escrito que tem que ser reescrito. Isso já me tem

sido solicitado, inclusive a autorização para republicá-lo, pois a única edição que existe, é de 57. O livro foi escrito em 53, mas eu nunca consenti que fosse reeditado. Ele deve ser reescrito, a menos que eu morra antes, então vocês talvez o republiquem sem o meu consentimento, porque eu acho que é um livro que merece ser trabalhado. Eu não tive muito tempo naquela época para trabalhá-lo, pois os capítulos iam saindo e como iam saindo, iam ficando. Mandeï datilografar e encaminhei para o Conselho Regional de Economistas profissionais, que é como se chamava na época o Conselho Regional de Economia do Rio de Janeiro. Isso foi em 53; em 58 já com o livro publicado foi que o Conselho Regional foi me dar o posicionamento, porque não era fácil para eles, pois não tinham coragem de dizer não, mas também não tinham coragem de dizer sim. Ficaram indecisos durante cinco anos, até que um dia, me convidaram para dar um curso para eles, para os conselheiros. Eu então disse: "Não posso dar um curso para vocês conselheiros, porque vocês nem se quer me dão o posicionamento como economista". Era uma provocação e imediatamente eles me deram o posicionamento, e eu fui dar o curso para eles. Isso é o que existe sobre a Dualidade. A edição se esgotou e eu nunca mais permiti outra, há vários trabalhos relacionados com o mesmo assunto, que foram publicados na Universidade Federal de Minas Gerais, na Revista de Economia Política de São Paulo, e na Civilização Brasileira. Tenho vários trabalhos publicados, artigos, ensaios, conferências, relacionados ao assunto, mas livro mesmo só saiu aquele, escrito em 53 às pressas, em cima da perna.

- GEOSUL: Professor, você poderia falar alguma coisa sobre a sua experiência no planejamento, na área do planejamento no Governo Juscelino e no Governo Goulart?

- PROF. RANGEL: Sim... Eu fui assessor do Presidente Vargas, portanto não conhecia Juscelino, depois fui do BNDE que, como não havia naquele tempo Ministério do Planejamento, era o órgão que fazia às vezes de Ministério do Planejamento, era o Conselho de Desenvolvimento que funcionava do ponto de vista do Grupo Técnico, como um apêndice do Departamento de Economia do BNDE. O chefe do Departamento de Economia do BNDE, era também o chefe do Conselho de Desenvolvimento. Eu fui a princípio o

chefe de setor, tive uma participação ativa na elaboração do Programa de Metas, no início e nos dois anos finais eu chefeiei os dois departamentos, o Departamento do BNDE e o Conselho de Desenvolvimento. No caso do governo de João Goulart, não chegou a haver planejamento. Houve um esforço mais ligado ao nome de Celso Furtado do que ao meu, que não chegou a constituir um planejamento. De lá para cá houve outros planos dos quais eu não participei, pelo menos oficialmente que eu saiba, porque a pirataria nesse campo é muito comum. As minhas idéias às vezes aparecem arrumadinhas, com as minhas palavras, sob a assinatura de outras pessoas. Isso acontece.

- GEOSUL: Professor Rangel, o senhor, o Celso Furtado, o Chico de Oliveira, são economistas nordestinos, que tem se destacado entre tantos outros, que tem contribuído não só para a reflexão da história econômica do País, como até criado correntes de seguidores para os estudos econômicos, não só de economistas como de outros cientistas sociais. Entretanto, o Celso Furtado, como o senhor acabou de citar, muito mais, e o Chico de Oliveira têm estado em maior evidência na literatura acadêmica e em discussões de técnicos, sobre questões de planejamento governamental, de articulistas e jornalistas. Agora, perguntamos ao Prof. Rangel em que contexto ele analisa o seu trabalho, a sua produção, a sua reflexão sobre a história do País, sobre as realidades nacionais, diante dos demais citados. De certo modo a pouca, vamos dizer assim, procura, a desinformação acadêmica, talvez a falta de popularização da sua literatura nos diversos estudos, evidencia uma dificuldade de se penetrar na sua linguagem, ou será que há uma linguagem Rangeliana, como fala Wilson Cano?

- PROF. RANGEL: É possível que eu use uma linguagem pouco acessível, ao comum das pessoas de formação acadêmica. Isso em parte porque no período em que o meu ideário básico se formou, eu vivia só em São Luís do Maranhão. Durante oito anos eu estive proibido de sair da cidade de São Luís, vivendo e não obstante pensando, meditando, desenvolvendo essas idéias e, quando mais tarde, eu vim para o Sul tentei explicá-las como se fosse a coisa mais natural do mundo, porque eu achava que todo mundo tinha

obrigação de entender aquilo e não era a coisa mais natural do mundo, como Guerreiro Ramos me faria ver que não... "pare e escreva isso, porque isso não está escrito ainda em lugar nenhum". Esta é a análise de um professor de direito civil da Universidade do Rio de Janeiro, que dizia, resumindo a minha prova: "eu não diria que essa prova foi colada porque eu tenho obrigação de saber que nunca ninguém escreveu estas coisas, são coisas originais". Celso Furtado, Chico de Oliveira, tiveram uma formação acadêmica muito mais completa do que a minha. É natural, portanto, que pelo menos do ponto de vista da sua linguagem seja mais acessível a multidões maiores. Mas eu não tenho nada do que me queixar não, eu acho que as minhas idéias estão conseguindo penetrar. Hoje já existe um grupo relativamente numeroso de economistas, sociólogos, essa coisa, que me toma muito a sério, muito ao pé da letra, inclusive geógrafos dessa cidade de Santa Catarina.

- GEOSUL: Recentemente estive aqui na nossa Universidade a Professora Doutora Maria Bárbara Levi, que talvez você já conheça de nome, ligada à Universidade Federal do Rio de Janeiro, e num bate-papo informal que tivemos com ela depois do curso, ela dizia que do seu ponto de vista, o Prof. Rangel era o economista marxista - ela até usou outra expressão - o economista socialista brasileiro que mais despontava entre todos como o verdadeiramente socialista. Nessa mesma oportunidade, e é aí que nós gostaríamos que você pudesse colocar alguma informação para a gente, ela nos falou a respeito de uma tese, ou até mais de uma, que havia sido defendida recentemente, em que o candidato ao título, não sei se no caso de Mestrado ou Doutorado, estava defendendo o seu trabalho justamente intitulado ou baseado no pensamento de Ignácio Rangel. Você poderia nos falar alguma coisa a esse respeito, talvez nem seja a única tese, outras talvez já tenham sido realizadas sobre suas idéias.

- PROF. RANGEL: Há talvez uma boa dúzia de teses de Mestrado e Doutorado girando em torno dos meus artigos, ensaios, das minhas idéias. Essa tese a que ela se refere, provavelmente é a de Ricardo Bielschowsky, na London School. Ricardo classificou os economistas brasileiros, grupo tal, ortodoxos, cepalistas,

essa coisa e quando chegou a minha vez, ele se confessou incapaz de me meter numa daquelas classificações, não cabe nem aqui nem ali. Então ele fez um trabalho à parte, que acabou circulando independentemente da tese, em que o pensamento de Ignácio Rangel não foi classificado como cepalista ou como estruturalista. Ele se aplicou num estudo muito sério e o trabalho dele não é uma coisa feita apressadamente. Foi uma coisa muito trabalhada mesmo, levada à sério, e que apresentou uma percepção muito aguda da minha mensagem. Eu gostaria de dizer, que me consola ver isso. Em 65 eu tive um enfarte e o médico dizia a minha esposa que se ela tivesse cuidado comigo eu viveria alguns meses, o médico já morreu (risos...), e eu estou vivo aqui, vendo e assistindo inclusive essa geração que eu ajudei a formar e que na realidade são meus pósteros. É que na minha idade ninguém escreve mais nada que não seja um testamento, a única coisa que realmente a gente escreve na minha idade é um testamento, e essa geração que vem aqui e já se apossou, são pessoas, um grupo de economistas que fez uma seleção de textos meus e me propôs que eu publicasse como livro. Fiz ligeiros retoques, porque algumas coisas já tinham tomado outro destino, eu tinha que substituí-las, mas na realidade o livro é deles e no prefácio eu dizia isso. Eu tive a sorte de conhecer em vida, isto é sem o desprazer de ter morrido, a opinião que os meus pósteros falaram de mim, isto é o que eu poderia responder à sua pergunta.

- GEOSUL: Como é que o senhor aproximando-se das fronteiras geográficas, fez amizade com o Professor Armen?

- PROF. RANGEL: Bom... Armen mesmo que eu quisesse esquecer eu não poderia. Ele me cerca de um carinho muito grande e é pessoa de altos méritos e eu tenho o maior respeito pelo Armen, de maneira que, é... acho que foi uma das boas coisas da minha vida ter conhecido o Armen.

- GEOSUL: Há pouco você falava do seu livro sobre a dualidade brasileira e dizia que ele havia sido escrito no final de quatro semanas, quer dizer em finais de semanas sucessivas, durante quatro finais de semana, e alguns de nós que estão tentando escrever uma dissertação ficam pensando: Poxa, que facilit-

dade!! Por outro lado, você dizia que ele precisava ser revisto. Há de sua parte algum plano de revê-lo, fazer essas revisões, está nos seus planos fazer esse trabalho?

- PROF. RANGEL: Bom... apesar de tudo eu tenho muitos planos ainda. Tenho planos de fazer a revisão desse livro, de outros livros, tenho planos de reunir materiais que foram escritos que estão aí, como a minha tese nas Nações Unidas escrita em espanhol e que nunca foi traduzida, nem publicada aqui. Há muita coisa que eu gostaria de fazer. Os colegas vivem me exigindo, me pressionando, para que eu escreva uma auto-biografia, contando minha estória, minha vida. O que importa não é a minha vida, o que importa é o Brasil no qual eu estive vivendo nesses quinhentos anos no mínimo, que a minha idade é de pelo menos quinhentos anos.

Nascer em Mirador no interior do Maranhão e vir terminar a vida no Rio de Janeiro, alerta para os problemas do mundo inteiro, isso significa que realmente eu vivi muitos séculos. Eu comecei minha auto-biografia dizendo que a rigor eu sou contemporâneo de Cícero e quem sabe de Aristóteles, porque eu nasci vinte e seis anos depois da abolição da escravatura, mas a escravidão estava presente junto ao meu berço sob a forma do chicote de cabo de palha de minha avó que dirigiu o engenho da família e aquele chicote não estava ali para brincadeira, não. Era para ser usado e o fato de que meu avô era especialista em direito romano, que é o direito de uma sociedade escravista, portanto o direito romano, a escravidão, digamos assim, velou meu berço e a escravidão é uma coisa que em termos de História Clássica representa quase dois mil anos, mil e quinhentos anos pelo menos. Então essas coisas eu gostaria de fazer... há muitas coisas que eu gostaria ainda de fazer, mas se eu não as fizer, não se vai perder grande coisa não. Atrás de mim há gerações de pessoas que eu ajudei a formar. Por enquanto essas pessoas se referem a mim com uma espécie de respeito, e com um respeito reverencial, e se embaraçam ao se referir ao meu trabalho. Quando eu faltar, elas terão maior desembaraço e vão dizer muito mais coisa do que estão dizendo agora e eu peço desculpa por ainda estar vivo.

- GEOSUL: Eu acho que respondendo essa questão agora, você tocou num ponto em que todos nós como educadores, como professores, nos interrogamos também muito a respeito da escola atual. Você dizia inicialmente que o seu primeiro contato com as letras se fez através do seu pai, e falava há pouco do seu avô e das leituras que ele fazia. A pergunta que gostaríamos de fazer é um pouco nesse sentido e contém uma certa curiosidade: como é que você explica que de repente o Maranhão tenha dado ao Brasil intelectuais de tamanha grandeza, se por exemplo havia no Maranhão, na elite maranhense esse hábito, esse contato, essa aproximação com os clássicos e se isso em parte poderia ser explicado, quem sabe, do ponto de vista econômico. Por outro lado, queremos aproveitar a oportunidade para perguntar como é que você vê a escola hoje, quando parece que essa gurizada, essa criançada, esses adolescentes todos, estão tão distanciados ou pelo menos pelo o que se sabe atualmente, eles praticamente não tem contato com os clássicos, eles não sabem quem foi Platão, Aristóteles, ... Se você chegar e perguntar para um aluno, já nem se pensa de primeiro grau mas de segundo grau, provavelmente a grande maioria, jamais terá ouvido falar, quanto mais terá tido acesso a qualquer escrito dos clássicos. Gostaríamos que você tentasse dizer para gente, como vê isso, quer dizer, a sua formação, de uma certa forma, a formação de muita gente da sua época comparada à educação que se dá hoje no Brasil. O Maranhão acho que é um bom representante de uma educação que privilegiava os clássicos. São Luís é até chamada a Atenas brasileira.

- PROF. RANGEL: Eu acho que nós nos afastamos demasiado dos clássicos. No meu caso, não é que o Maranhão de um modo geral tivesse um nível cultural muito elevado. Quando eu terminei o ginásio, era a única turma de ginasianos que se diplomava naquele ano, com apenas vinte e quatro alunos. Quer dizer, se eu somar os rapazes que estavam terminando o seminário menor e a escola das moças, as duas escolas normais, talvez tenha sido um total de cinqüenta pessoas que terminava o curso médio, não ia muito longe disso. Mas essas poucas pessoas eram de fato levadas, eram atraídas pelos seus mestres para um estudo muito sério. Homens do maior gabarito que ganhavam uma miséria, ganhavam quase nada. Se o salário do professor ainda é baixo hoje, imagina naquela

época. Não obstante nos preparavam, nos obrigavam a estudar essas coisas. Nós conhecíamos os clássicos. O estudo de História Geral era também um estudo em que a gente estudava outras coisas além de História Geral. Nós estudávamos também Filosofia, no bojo do programa de História Geral e os nossos mestres nos obrigavam à isso. Nós éramos de fato uma elite muito restrita de uma sociedade muito pobre, mas que guardava a tradição do tempo em que o Maranhão era uma das províncias mais ricas do Brasil, pois em meados do século passado, o Maranhão era uma das províncias mais ricas do Brasil, São Luís em maior do que São Paulo. Aqueles fazendeiros ricos podiam mandar os filhos estudar na Alemanha ou em Coimbra, porque as relações do Maranhão com o Sul do Brasil na época eram muito limitadas, porque para vir de São Luís ao Rio Grande do Norte nós tínhamos que enfrentar a corrente oceânica que corre de Leste para Oeste e também os ventos que seguem a mesma direção e para os barcos à vela era muito difícil fazer esse percurso. O caminho mais curto entre São Luís e Fortaleza naquela época passava por Lisboa e chegava ao mar das Antilhas, mar dos Sargaços e daí à Lisboa. Repetia o caminho de Colombo que era o caminho mais perto... e voltar era quase impossível. A navegação à vapor foi uma revolução para aquela época, mas o Maranhão era uma província rica, então podia mandar, os pais podiam mandar os filhos estudar em Coimbra, era uma coisa normal. Essa tradição ficou, realmente nós terminávamos o ginásio lendo francês por cima, porque tínhamos lido Victor Hugo, tínhamos lido Alexandre Dumas, Jules Michelet, essas coisas nós tínhamos lido, em francês, e aquilo representava de fato a tradição da nossa época. Hoje o Maranhão reflete muito mais a influência que vem do Sul, do que essa que veio chegando diretamente da Europa. E São Luís fica muito mais perto da Europa que o Rio de Janeiro ou São Paulo. A minha geração ainda recebeu esta influência. São Luís era uma cidade grande para os padrões da época, porém estagnada, não tinha crescimento, era como se dizia a cidade do já teve, já teve fábrica de fósforo, já teve isto, teve aquilo em certa época, e depois havia caído. Mas, aquelas tradições, aquela coisa da influência, da lembrança de Antônio Gonçalves Dias, de Gomes de Souza, etc... ficou; nós crescemos junto com elas, de um certo modo fomos condicionados para redigir como Coelho Neto, como Humberto de Campos, para disputar lugar na Aca-

demia de Letras, como Sarney fez e Josué Montello também. Por uma série de razões eu fiquei fora dessa corrente, mas eu fui educado para isso, fui educado realmente para disputar esse lugar, era uma coisa pobre, mas que guardava hábitos do tempo em que tinha sido uma província rica. É o caso da Grécia que manteve a Academia de Aristóteles funcionando pelos séculos afora, quando já não tinha mais nada que ver com a Grécia de Péricles, mas a Academia continuava a ensinar as lições de Aristóteles pelos séculos afora. Hoje sim, hoje eu acho que a escola se esvaziou um pouco, não só no Maranhão, mas em quase todo o Brasil. No meu caso eu me defedi para educar os meus filhos, longe desse esvaziamento, colocando como tarefa fundamental da minha esposa a educação dos filhos, tanto que quando nós noivamos, discutimos essa questão de saber se ela iria trabalhar ou não e eu disse: "Você não vai trabalhar, porque você vai ter a função de educar os meus filhos e isso é uma tarefa muito pesada e eu não terei tolerância alguma nessa matéria", e ela deu muito boa conta do recado.

- GEOSUL: Professor Rangel, voltando um pouco ao que falamos anteriormente, você teve uma participação ativa no governo de Getúlio Vargas, no governo de Jango, de Juscelino. Gostaríamos de saber se você participou do processo de implantação da Sudene, queríamos saber, como é que você vê a trajetória da Sudene e a proposta desenvolvimentista que ela trouxe para o Nordeste. Na atual conjuntura que perspectiva você apontaria para aquele órgão, inclusive torná-lo, quem sabe, realmente um órgão com um papel importante no desenvolvimento do Nordeste ou a ser extinto. Enfim, qual seria a sua opinião sobre a Sudene, o que você pensou sobre ela e qual a sua idéia atual sobre este órgão?

- PROF. RANGEL: A Sudene desempenhou o papel que eu esperava dela. Formou quadros, esse foi seu papel principal. O que a escola não dava, a Sudene deu, até certa altura porque depois houve o esvaziamento inclusive intelectual da Sudene. Eu tive contato no BNDE aí pelos anos 70 com a Sudene e não me deixou lembranças agradáveis não. Havia como que uma má vontade de usar lista de projetos, tinham pressa em agradar os patrões, faziam uma análise simplesmente detestável dos projetos que lhes chega-

vam as mãos. Alguns desses projetos vieram para o BNDE, e eu tive que dar parecer sobre eles e não gostei absolutamente do trabalho feito por eles lá. Bom, mas ela cumpriu a missão, ela formou quadros, ela ajudou à tomar consciência de certos problemas do Nordeste, mas também ela acabou se fazendo à reboque daquela aristocracia, daquelas oligarquias locais que não viam outro objetivo para a Sudene, senão justificar ajudas federais para região. Realmente o que que eles querem é tomar dinheiro da União, dinheiro que muitas vezes nem sequer se aplica na própria Sudene, vazando para o Sul do País. Hoje a Sudene está mais ou menos esvaziada, digamos assim, e hoje nós estamos vendo como se procura inclusive justificar as ajudas que o governo federal não pode mais dar à Sudene, à região Norte-Nordeste, como para justificar projetos simplesmente lastimáveis como este de criar as famosas ZPEs (Zonas de Processamento de Exportações) uma coisa que deliberaria a unidade aduaneira do País e que conseqüentemente não favoreceria o desenvolvimento, nem do País nem das regiões. Mas isto não esvazia o papel que a Sudene desempenhou no Nordeste. Ela formou quadros, ela educou, ela induziu, ela deu uma outra estatura a esse problema e nós saberemos como superar essa etapa, espero que sim.

- GEOSUL: Professor Rangel, você poderia relatar para a gente como foi a sua experiência de participação política na sua formação, enquanto estudante, na sua família, enquanto acadêmico de direito e a sua participação política junto à presidentes da república, nas decisões da vida nacional? E, dentro da sua experiência, como é que o senhor vê a realidade política atual do Brasil?

- PROF. RANGEL: A minha militância política foi muito precoce, nos anos vinte ainda. Lembro-me que meu pai contava histórias da coluna Prestes, que andava pelos sertões. Na minha cabeça ela continuava a andar pelos sertões, a coluna Prestes não tinha acabado, nunca tinha entrado na Bolívia. Ela continuava pelo Sertão e eu ficava impaciente para crescer e poder partir para a coluna. Esta era a idéia que me ficava e eu sentia que precisava ser maior para poder lutar. Eu às vezes pensava que tipo de armas poderia usar sendo menino ainda e não sabia que não

havia uma resposta para isso. Bom, mas isso era uma coisa que ficou. Depois vim para a cidade e a coisa foi sendo mais ou menos esquecida, mas veio a campanha da Aliança Liberal, no comando de Getúlio Vargas, e meu pai militava na oposição ao Governo local e portanto na Aliança Liberal. E eu acompanhando de longe o que ele dizia, porque meu pai me permitia que eu assistisse as conversas dele com os amigos, sem intervir, pois um menino intervir em conversa de adulto era uma coisa intolerável para a época. Mas podia estar presente, eu ficava presente e a conversa parecia não terminar. Um dia meu pai disse: "... Bom a revolução está talvez por dias, por semanas e eu estou doente e sinto que não vou poder combater..." A idéia que a gente tinha então da revolução era de uma "super-coluna", uma coluna de "tamanho família", uma super-coluna Prestes. Meu pai dizia "eu sinto não poder, meus filhos são ainda muito pequenos...", mas eu tinha 16 anos, já estava fazendo tiro de guerra, já conhecia o fuzil novecentos e oito, já sabia manejar granada de mão, já conhecia fuzil, metralhadora. Achei que meu pai estava exagerando quando dizia que os filhos eram muito pequenos, pois eu já estava em condição de combater, de maneira que, não disse nada a ele, mas ele voltou para a comarca dele lá no Sertão e pouco tempo depois eu estava com um grupo de sargentos e cabos conspirando. No dia oito de outubro, lá estávamos nós assaltando o batalhão. Meu pai não ficou sabendo de nada disso e quando soube ficou muito orgulhoso. Com isso deu-se a minha entrada para a política, pelo portão das armas do vigésimo quarto batalhão de caçadores. Vocês podem imaginar o que era isso para um garoto de 16 anos, que no dia seguinte voltava para o ginásio com a sua fardinha ainda um pouco suja de graxa do fuzil, fardinha de ginásio, porque foi com a farda do ginásio que eu participei do tiroteio, das lutas. Meus professores me receberam com respeito e minhas colegas, as moças, simplesmente passaram a me adorar (risos).

- GEOSUL: Era o herói!!!

- PROF. RANGEL: O herói... E a partir daí eu estava realmente motivado para a militância política, para valer! No ano seguinte, em maio de 31, cai nas minhas mãos o Manifesto Comu-

nista de Marx e Engels e foi uma virada completa, porque eu tinha sido um excelente aluno de história. A leitura daquilo arrumou a minha cabeça, li e reli sem parar, num só fôlego. O Manifesto arrumou a minha cabeça, deu o estalo! E eu resolvi militar, não tinha mais dúvidas. E a militância naquela época para um menino de 17 anos, era a juventude comunista. Eu entro nela e começo a lutar e a participar de movimentos operários e estudantis, de greves e o diabo à quatro. Geralmente o 1º de maio eu passava na cadeia (risos...). Já era uma rotina, porque na véspera do 1º de maio eu saía para distribuir boletins, panfletos e naturalmente era preso por aí. Depois a polícia nem esperava mais que eu saísse, ela me prendia de véspera (risos...) e em 34, 35 se organiza a aliança com Prestes. A idéia era muito clara na minha cabeça: "vamos institucionalizar esse país e para isso é preciso fazer a reforma agrária. Portanto, nós vamos começar pela revolução agrária". Eu acreditava que era preciso fazer uma revolução agrária, distribuir a terra, tomar na "marra" mesmo. Bom, eu estava no segundo ano de direito. Abandonei o curso em meados do ano e fui para o sertão, para a guerrilha, quer dizer, fui me colocar no alto sertão maranhense e piauiense, com a idéia de que quando a revolução arrebentasse aqui no Sul nós desceríamos e eu sozinho consegui ter sob o meu comando em 35, portanto quando tinha 21 anos, cerca de 200 homens, que eu havia recrutado, mal armados, mas estavam lá os homens; depois a gente se arma, não é?! Bom, daí a luta arrebenta, arrebenta em Natal e no Rio de Janeiro e é derrotada. Nós ficamos sem ver sentido em continuar aquela luta e a minha permanência naquela região era um perigo porque inclusive ia atrair o ódio dos latifundiários, contra os camponeses que haviam aderido à mim. Então eu me afastei da região e nesse processo de afastamento fui preso e enfrentei dois anos de cadeia. Depois de dois anos de cadeia, mais oito anos proibido de sair de São Luís. Portanto, vocês estão vendo que foi uma militância ativa e muito precoce e ainda nessas condições de prisão e de domicílio coacto eu comecei a ver, até a intuir certas verdades que depois eu aprofundei. Primeiro: é possível industrializar o Brasil sem reforma agrária, que para mim era uma coisa tão difícil, chegava a ser um pecado mortal para uma pessoa que se dizia de esquerda naquela época. Pretender uma coisa dessas que fosse possível industrializar o país sem reforma agrária e isso eu intuía cedo ainda, antes de ser

posto em liberdade. Depois fui trabalhar e confirmar essas idéias: a verdade é que o país estava próspero e essa prosperidade, significava uma descoberta fundamental, uma descoberta que ainda hoje passa a ser novidade. Para mim era claro e foi se tornando cada vez mais claro que aquela reforma agrária que nós não fizemos em 30 e que teria que ser feita algum dia, não se fazia mais necessária. Ela agora seria muito diferente daquela que nós desejáramos em 30. Isso é uma coisa que atualmente a esquerda que não teve essa escola não percebe, ainda hoje não percebe que a reforma agrária que eles querem fazer aí é na realidade a reforma agrária que nós não fizemos nos anos 30. E naquele tempo tinha sentido fazer, teria tido sentido fazer, mas não tem mais sentido fazer hoje. Hoje tem que se fazer uma outra reforma agrária, é uma outra coisa e justamente com as pessoas não pararam sequer para meditar sobre esse problema, é difícil achar solução.

Vim para o Rio e depois compreendi que a esquerda que inclusive o partido comunista não me satisfazia naquele momento. O mundo e não apenas o Brasil estava próspero. O socialismo, portanto, era uma coisa que tinha que ser visto, não como uma matéria imediata, mas como uma coisa futura e nós tínhamos que participar do desenvolvimento do Brasil da época em que vivíamos e que não era por nossa culpa que as coisas aconteciam assim. Então eu me afastei e imediatamente fui convidado pra trabalhar na assessoria do Presidente Dutra. Provavelmente discussões que resultaram do meu afastamento do partido comunista foram de pleno conhecimento do DOPS, da polícia política, porque para eu ser chamado, quinze dias depois para trabalhar na presidência do Marechal Dutra não era brincadeira. Claro que eu não fui, isso em 47, mas cinco anos depois eu fui chamado por Getúlio Vargas para um fim específico: redigir uma lei sobre o babaçu. Fui, então, trabalhar na redação da tal lei e me integrei à equipe, depois não houve mais meio de eu me descolar dela. Fizemos boas amizades, Rômulo Almeida, Jesus Soares Pereira, pessoas assim, e são amizades que ficaram para o resto da vida e que me enriqueceram enormemente. Então trabalhei com o Getúlio, é difícil saber se o presidente sabia que eu não era getulista e se apesar disso ele queria que eu fosse trabalhar com ele. O fato é que o presidente mandou me dizer que me sentisse

em casa, de aduladores ele não precisava - tinha muito bons - ele precisava é de gente que tivesse coragem de dizer que ele estava errado, e eu era desse tipo que dizia quando ele estava errado. Então fiquei, me integrei à equipe, da equipe passei para o grupo de eletricidade que fez a Eletrobrás, trabalhei na lei da Petrobrás e no plano de carvão. Todas essas coisas que iam preparar o programa de metas de Juscelino mais tarde, e vivi intensamente esse período. Acho que essa é uma experiência que não são muitas as pessoas que viveram algo parecido com isso no Brasil, não.

- GEOSUL: E sua participação política junto à JK, Juscelino Kubitchek?

- PROF. RANGEL: Não foi próxima, porque no tempo do JK eu trabalhei dentro do BNDE. Eu chefiava o Departamento Econômico do ISEB que era o órgão que fazia, que forjava a ideologia do JK. Embora eu tivesse me encontrado poucas vezes com o Presidente, geralmente em grupo, eu estava muito próximo dele. Salvo na parte final do governo dele, quando eu consegui persuadí-lo a fazer aquele decreto criando a comissão de povoamento de eixos rodoviários, que deu como consequência, a SUDENE. Então eu e o Celso discutimos e vimos que não havia lugar para dois organismos, ou um ou outro e que era muito mais razoável que ele integrasse o Maranhão. Por isso é que criou-se a SUDENE. Ele concordou com isso, eu me afastei, fiz corpo mole, não assumi - tinha sido nomeado secretário da comissão de povoamento de eixos rodoviários, mas não assumi - não me movi e a coisa foi esquecida, caiu no vazio. Isso deve ser muito comum no Brasil. E no tempo de Jânio, o presidente me chamou e nós estivemos juntos. Ele era daqueles que sabe como cativar as pessoas. Da primeira vez em que eu cheguei ao gabinete dele, para conversar com o Presidente, lá estavam os meus livros, o papel marcando, (risos), como se ele tivesse lido aquilo. Três livros meus estavam na mesa do Presidente e ele me convidava para trabalhar na questão agrária e outras coisas mais. Depois Jânio sai e vem Jango, João Goulart. Com João Goulart eu tive uma colaboração muito mais íntima do que qualquer um dos dois anteriores. João Goulart no fim queria por força achar que era tempo de eu assumir o Ministério.

Eu mostrei que não tinha sentido isso e que eu tinha outras tarefas para fazer e que ele me desse permissão para executá-las. Isso foi no dia vinte de fevereiro de 1964, eu estava fazendo 50 anos exatamente quando o presidente me chamou, quer dizer, a minha chance de ser ministro foi embora, suponho que foi a última, a primeira e a última, (risos) se bem que é um perigo, com uma situação como essa que está aí, é um perigo, numa hora para outra podem querer me agarrar...

Agora o país está vivendo uma outra conjuntura e eu tenho que passar para os meus colegas de hoje, que não são meus contemporâneos, porque são muito mais moços do que eu, a experiência desses anos passados. Dentro em pouco nós estaremos fazendo mais cinquenta anos, portanto outro ciclo de Kondratief inteiro, a duração média de uma dualidade, e as situações tem certa similitude. Naquele tempo havia o Congresso Nacional debatendo as coisas mais abstratas desse mundo e bruscamente apareceu um pelotão de soldados defronte da Câmara dos Deputados e fechou a câmara e ficou por isso. Isso pode acontecer agora, porque infelizmente mais uma vez nós ficamos demasiado ocupados com coisas abstratas, com pouca atualidade...

- GEOSUL: Você acha que é a direita que vai resolver os problemas?

- PROF. RANGEL: ... E tem sido sempre assim, não é? No fim quando chega a mudança... ainda hoje estive conversando com um agrônomo sobre o problema da reforma agrária e ele achava que de fato aquela questão agrária, tal como ela foi formulada, não seria mais adequada e uma outra teria que ser formulada e quando não sei, quem sabe talvez aí quando vocês pensarem que não, nós teremos outra saída. Pode ser até que a direita resolva esse problema.

- GEOSUL: Haverá queda do governo Sarney?

- PROF. RANGEL: Não sei, porque também com Vargas nós imaginávamos na época que as favas estavam contadas. Os integralistas falavam abertamente que Vargas estava lá por pouco tempo, porque ou como primeiro ministro ou como presidente, quem ia

governar o país era o Plínio Salgado. Tanto que se viu que não foi assim. A esquerda simplesmente estava contra, ela tinha levado uma paulada na cabeça e estava sem saber realmente o que fazer, mais ou menos como está agora aqui. É claro que a história raramente se repete ou repete como farsa o que à princípio foi tragédia. Tomara que seja.

- GEOSUL: A impressão que se tem ouvindo-o, é de que aquilo que aconteceu não foi exatamente uma tragédia, pelo menos nos passa um pouco essa impressão. Quer dizer, quando você diz que em 30 a esquerda desejava a reforma agrária porque imaginava que a industrialização só poderia se fazer a partir de uma reforma agrária que a precedesse é quando isso não se deu, a industrialização acabou acontecendo apesar da reforma agrária não ter se realizado, então parece que não é tão trágico assim.

- PROF. RANGEL: Trágico no sentido grego do termo, diz que cada um de nós está caminhando para um desfecho trágico, doloroso. Nas nossas vidas quantos, quantos tiveram a sua vida estropeada por essa experiência. Eu vivi no Maranhão, tive condições de estudar, ir para frente, nem sequer pude me formar porque fecharam a Faculdade do Maranhão e eu não podia sair de São Luís. Estudei lá e ganhei, acumulei experiência e sobretudo pude ter a perspectiva de uma economia em expansão. Hoje nós temos os dados correspondentes, por exemplo, sabemos que no ano de 1937, a produção industrial do Brasil foi 50% maior do que havia sido em 29 que havia sido o melhor ano do passado. Então, é como se, por exemplo, agora nós nos referíssemos a 79/80 e o ano de 37, portanto, foi um ano de prosperidade, mas a perspectiva que nós dogmaticamente afirmávamos é que isso não acontecia, que a economia estava em crise, continuaria em crise e que essa crise ia se agravar cada dia mais até a revolução. Foi justamente aí que percebi que não era verdade...

- GEOSUL: O mesmo raciocínio feito após 64?

- PROF. RANGEL: Realmente é. Realmente isso de chegar, em 47 para fazer a luta armada pela conquista do poder... Não havia condições para isso e nem o país precisava de tal luta armada,

mas isso visto hoje de outra perspectiva histórica tem um sentido diferente de quando você está vivendo a coisa de dentro, de dentro para fora. Atualmente eu acho que nós temos condições de uma arrancada em que o país passará para uma etapa muito brilhante de crescimento. Pode começar a qualquer momento. Como vai começar esse movimento, são coisas que a história vai dizer, as condições peculiares e tal. Mas a verdade é essa eu acho que esse crescimento estão criadas, sorte a minha, embora eu saiba que as soluções são convencionais e que nós temos que fazer uma reforma, que a história se repete... No fundo nós estamos querendo fazer em 87 a reforma agrária que não fizemos em 37, e que naquela época teria tido sua razão de ser, muito mais do que agora. O que vai acontecer é que nós estamos assistindo o Ronaldo Caiado, a UDR, crescer, porque está crescendo de fato. Na verdade, esse problema está em pauta, nós ao formularmos esse problema unificamos todos os proprietários de terra, grandes, médios, pequenos, latifúndio moderno, latifúndio atrasado, juntamos tudo numa sacola só. Eles se defendem e nós somos derrotados, e quando eu digo nós somos derrotados, eu estou sabendo que estou dizendo que não deva ser assim há muito tempo. Não obstante, é preciso ser solidário com os que vão ser derrotados agora.

- GEOSUL: Prof. Rangel, você tem conhecimento por viagens, por leitura do mundo, quer dizer, você já esteve nos Estados Unidos, na União Soviética, na China, no Canadá. Então começemos por uma questão que tem, digamos, interesse geográfico do seguinte tipo: tomemos o Brasil, a Austrália, o Canadá, os Estados Unidos, a China, a União Soviética que são países continentais gigantesco. Do ponto de vista do raciocínio geográfico, como é que você vê semelhanças, no caso, já para começar, por extensões mais ou menos conhecidas, no caso da União Soviética maior do que todos, mas por diferenças igualmente, digamos, climáticas, em parte, mas essa semelhança gigantesca do ponto de vista da dimensão territorial? Como é que você vê essa dimensão territorial e natural, diversidades naturais ou uniformidades naturais, como é que você vê essa questão, como elementos componentes do crescimento, do desenvolvimento, do aparecimento, digamos, da condição de potência econômica desses países citados. Em outras palavras, nós gostaríamos que você fizesse uma análise

comparando países vários que você conhece, mostrando semelhanças, diferenças geográficas naturais relacionadas com o desenvolvimento econômico.

- PROF. RANGEL: Quando o capitalismo industrial se desenvolve, até certa altura ele tende naturalmente a engendrar o capitalismo financeiro, isso também está acontecendo aqui, mas não é em todos os países industriais que o capitalismo se transmuta em capitalismo financeiro. As vezes, talvez por motivos geográficos, a constelação natural de recursos, a escala mínima, não é propícia a essa coisa. No caso da Argentina que teve um início de industrialização muito brilhante, parou no meio do caminho, ao passo que o Brasil à medida que ele ia se desenvolvendo ele ia acelerando seu crescimento. Eu acho que essa similitude geográfica tem muito que ver com isso, e cria condições para o aparecimento do capitalismo financeiro periférico no Brasil e como nasce agora, tem que ser periférico... O centro talvez não seja, mais nem esse, porque estamos assistindo à possibilidade que o centro se desloque, mas o nosso capitalismo financeiro terá que buscar, integrar-se na economia mundial. Quer dizer, até agora houve um crescimento da industrialização, em que o país estava em crescimento para dentro, nada impede que a certa altura possamos ter um crescimento voltado para fora, isto é, através de uma maior integração ao mercado mundial, de uma maior divisão internacional do trabalho, da participação internacional maior. Nada impede acontecer e acho muito plausível esperar que aconteça, essa segunda etapa da industrialização, uma entrada na industrialização não substitível de importações. Nossa participação no mercado mundial vai crescer, não apenas com os países desenvolvidos, como basicamente com os países subdesenvolvidos do Terceiro Mundo e com os países socialistas. Todo mundo está a espera que nós resolvamos alguns problemas internos para poder oferecer-lhes, inclusive países com a Bolívia, o Paraguai, Chile, Argentina, estão totalmente a espera que nós possamos oferecer-lhes a mão, para que nos acompanhem nessa aventura. Então teremos um capitalismo financeiro e como todo capitalismo financeiro tende a ser expansivo, tende a ser potencialmente agressivo, mas que não pode ser agressivo nesta época, porque o balanço de forças hoje no mundo supõe, algo que já deixe o capi-

talismo financeiro para trás. O balanço de forças no mundo de hoje formado por potências, como todo o mundo ocidental, é obrigado a ficar parado diante da União Soviética quando ela chega e diz não mexa aí. Ela não mexe e os outros não mexem também. Isso é um balanço de forças muito forte, mas nós poderemos participar desse mundo, participar desse mundo com maior divisão de trabalho, nosso coeficiente de abertura pode se abrir consideravelmente, estamos completando uma etapa do nosso desenvolvimento, é uma etapa da industrialização substitutível de importações. Pode haver uma industrialização na qual nós teremos um papel de destaque, como pólo de gravitação para numerosos países do Terceiro Mundo, eu acho que já podemos fazer isso e isso não poderíamos fazer se fôssemos um pequeno país, isso é uma coisa que está ligada, à nossa condição de grande país, que condiciona isso.

- GEOSUL: Isso se manifesta, digamos, á partir de exemplos concretos que gostaríamos que você desse. De que maneira isso se manifesta espacialmente, por exemplo, digamos pela necessidade de gigantescos meios de transportes, pela possibilidade de uso de recursos naturais, pelos tipos minerais diversificados... Gostaríamos que você procurasse concretizar essa idéia de como a dimensão se manifesta na vida econômica propriamente dita. Essa seria uma questão e para completar, você diz, os Estados Unidos constituem uma potência, a Europa Ocidental já não se situa em relação a União Soviética da mesma forma que os Estados Unidos se situam, os Estados Unidos se situam de maneira a se chocar ou pelo menos a se emparelhar enquanto a Europa Ocidental já vê de outra maneira a União Soviética. De que maneira, portanto, esse capitalismo periférico financeiro se relacionaria com a União Soviética? Portanto, duas questões: a questão territorial no desenvolvimento econômico exemplificando e relacionando com o Brasil e a União Soviética em termos de capitalismo financeiro já que a Europa, ela própria em relação a União Soviética, não tem a mesma postura dos Estados Unidos.

- PROF. RANGEL: Bom... se nós fôssemos um pequeno país, se a diversidade em recursos naturais que temos, se a escala fosse mínima em matéria de população, nós não poderíamos chegar ao

nível que chegamos e muito menos ir adiante nas condições em que o nosso crescimento está. Sendo um crescimento para dentro, dependia de uma diversificação da produção interna porque não havia condições para uma associação com os outros países, que compensasse a eventual pobreza de recursos que nós tivéssemos. Num país como a Bélgica, como a Holanda, como a Suíça, é preciso que houvesse uma Europa, um mundo que permitisse uma participação ativa do comércio desses países com ele. Então, eles podiam desenvolver uma atividade, muito além da necessidade do seu próprio mercado interno e em troca do produto desse setor foi se obtendo o lucro de outros setores. No período em que a economia se volta sobre si mesma que fecha o período do qual nós estamos agora, isso não pode acontecer salvo em um grande país. Então, se o Brasil não fosse um grande país, a nossa industrialização teria sido frustrada, teria talvez tido um princípio brilhante como é o caso da Argentina. Agora, as nossas relações com o capitalismo financeiro que representam um fato que não nasce da noite para o dia é um processo lento que apenas pode se vislumbrar. O capitalismo financeiro há um século atrás era o regime que correspondia ao imperialismo porque era o regime das grandes potências econômicas e militares. Hoje já não é mais, porque hoje sabemos que há um país que não é baseado no capitalismo financeiro. É o caso da União Soviética que, não obstante, é uma grande potência militar e uma grande potência militar que inclusive inibe qualquer tendência do capitalismo financeiro assumir o seu papel imperialista. Se os Estados Unidos, o Japão e todos os aliados não podem exercer desembaraçadamente seu papel de potência imperialista como é que se poderia imaginar que o Brasil pudesse fazer? Não obstante a posição do Brasil como capitalismo financeiro, ele deve ter uma certa tendência expansionista, de relações pacíficas nas relações com um círculo crescente de países que tenderiam a gravitar em torno dele compondo com ele uma realidade muito maior. Seria uma potência imperialista, como foi a Inglaterra no fim do século XIX e os Estados Unidos. Nós já somos um capitalismo industrial periférico, e assim como somos capitalismo industrial tardio, isso serve também para o capitalismo financeiro tardio, e daí? Mas pode ser, pode cumprir uma missão importante, nós devemos examinar isso, não ter ilusões, não imaginar que is-

so é um processo idílico, não é. É um processo de conflito, mas esses conflitos provavelmente terão um desfecho diferente dos conflitos que tínhamos no passado. Eu não vejo que a superação da presente crise implique necessariamente numa passagem ao socialismo. A economia brasileira pode ter uma transição no quadro capitalista, em condições peculiares. Naturalmente nós não podemos imaginar que se pode copiar o que fizeram os ingleses no século XIX ou os alemães e muito menos os americanos. Chegamos tarde, chegamos atrasados, nós temos capacidade de estender a mão à outros países periféricos que constituem conosco um sistema de forças respeitável. Essa idéia que surge um pouco prematuramente, me refiro aos países devedores criarem em uma espécie de clube dos devedores e do Brasil chefiar esse clube de devedores, seria a forma não muito grosseira de situar essa possibilidade financeira do Brasil se tornar o centro de uma multinação de forças que resolveria os problemas dos países periféricos.

- GEOSUL: Professor Rangel, nessas viagens que você fez à várias partes do mundo, você certamente observou as diferenças existentes entre as grandes cidades, entre as metrópoles dos diferentes países. Quer dizer, as metrópoles na Europa, na União Soviética, no Brasil, na China, nos Estados Unidos são coisas diferentes. Será que você faria o favor de fazer uma referência a essas diferenças nas quais você insiste, aliás frequentemente, porque aqui se coloca a questão, digamos, da infraestrutura das metrópoles brasileiras que é uma das questões que aparece hoje em dia, isto é, comparar, portanto, as metrópoles em diferentes partes do mundo.

- PROF. RANGEL: Não sou geógrafo. Eu não sei se teria condições de fazer esse tipo de análise. Posso mais sentir o fato, a metrópole. A metrópole socialista, a metrópole capitalista são coisas diferentes e uma metrópole... como as do Brasil também é outra coisa diferente. Não saberia fazer, nunca parei para meditar, colocar isso num sistema inteiro que permitisse ver onde começa essa coisa. Isso é um aspecto que eu não sei, geógrafo deve saber, saberia fazer... As atuais cidades são cidades que cresceram da superfície para cima, a infraestrutura delas não acompanhou esse crescimento. Realmente só foram cidades que

cresceram em conseqüência de uma crise grave que despejou o que havia sobre elas. Apareceram metrópoles que pelo seu tamanho exigiam uma infraestrutura.

- GEOSUL: Você poderia fazer uma comparação entre região, nação antes da industrialização e regiões, nações depois da industrialização, no Brasil?

- PROF. RANGEL: O Brasil especialmente depois da abolição da escravidão passou a ser uma economia basicamente feudal, isto é, marcada pelos desequilíbrios regionais. Então nós chegamos, portanto, quando a industrialização começou em pleno Estado Novo, havia uma série de regiões, cada uma isolada das outras e essas diferentes regiões reagiram diferentemente à mesma provocação. A mesma crise mundial que desencadeava em São Paulo e no Rio a criação de um parque industrial, no nordeste apenas desenvolvia atividades artesanais substituidoras de importações. O nordeste repetia o que o Brasil como um conjunto havia feito no ciclo longo anterior. O parque em São Paulo fazia pela primeira vez uma experiência nova, um parque industrial entre São Paulo e Rio de Janeiro, o Sudeste reagia criando um parque industrial que era o que Celso Furtado chamaria depois de centro dinâmico interno e que começaria a ter influência sobre todo o complexo, para pouco à pouco ir quebrando os isolamentos regionais. Este é o processo que se estende há 50 anos e não terminou ainda. Sempre haverá possibilidades de nas regiões periféricas desenvolve-se uma vida econômica independente do centro, quebrar o centro. Enquanto isso a economia ao contrário tende, o federalismo tende a ser a cada dia uma lembrança do passado e nós temos aqui uma época unitária, surgindo cada dia com mais evidência.

- GEOSUL: Conseqüentemente, Professor Rangel, as diferenças regionais vão se atenuando?

- PROF. RANGEL: Não necessariamente. Nós podemos dizer o seguinte, que talvez possa haver as partes que começam a se integrar ao todo. A população se redistribuí, inclusive uma parte maior da população caminha para o centro, as regiões podem se

tornar fornecedoras de matérias primas para outras regiões e isso não significa necessariamente uma unificação, porque eu creio que essa tendência em regime capitalista ela é excepcional, pois normalmente há uma tendência para a diversificação, para a diferenciação. Amanhã pode até acontecer que a área que esteja em crescimento prioritário não seja São Paulo, seja uma outra área. De qualquer maneira, é muito mais fácil você conceber um desenvolvimento que comporte diferenças regionais do que suprimir diferenças regionais. Suprimir diferenças regionais é uma coisa que exige um planejamento com um acabamento que está muito longe, acima de nossas possibilidades naturais.

- GEOSUL: E por consequência, Professor Rangel, essa unificação não acontece tão facilmente e as diferentes áreas anteriormente autônomas, integradas ao mercado nacional podem crescer mais rapidamente do que cresciam antes?

- PROF. RANGEL: Não é nenhuma fatalidade que se tenha concentrado em São Paulo. Agora, isso não é coisa que se mude, não é coisa que se possa mudar quando dá na telha. A idéia de que bastaria redistribuir a renda nacional, de que se o governo começasse a mandar subsídios para o Nordeste... Veja, por exemplo, se as terras agrárias, as melhores terras agrícolas são terras que antigamente, estavam situadas numa certa região do país e uma mudança tecnológica que ninguém programou, um efeito não programado pode deslocar o centro da gravidade para outra área, inclusive pode desenvolver a economia brasileira - como um todo, já que o país forma politicamente uma unidade e que, portanto, o cidadão da república pode se mudar livremente - faz com que muitas vezes a importância econômica reflita também numa queda de importância demográfica. O Nordeste, por exemplo, é uma região subdesenvolvida, mas demograficamente também está perdendo substância, quer dizer, em termos de produção per capita o atraso relativo do nordeste tende a diminuir, do que seguir comparando região por região, porque o Nordeste é uma região de emigração, o sudeste é uma região de imigração e esse processo cria problemas que a gente tem que examinar à medida que vão chegando.

- GEOSUL: No surgimento da SUDENE que papel tiveram os interesses industriais do Sul e os interesses regionais do Nordeste? Enfim, quais os fatores regionais, quer do Sul quer do Nordeste, que pesaram na proposta SUDENE?

- PROF. RANGEL: Vê-se que não é fácil responder essa pergunta. Atrás do movimento da SUDENE vinha a idéia de uma reivindicação contra o atraso regional. Essa é uma reivindicação que se fazia sentir, uma reivindicação das massas populares, profunda, e era uma reivindicação das oligarquias também. Oligarquias que muitas vezes se beneficiavam do processo de transferência de dinheiro de uma área para a outra, embora sua intenção não fosse investir naquela região. Por outro lado, havia esse desenvolvimento do Nordeste que ficaria dependendo da criação de estradas. Não é possível criar estradas sem aproximar economicamente o Sul do Nordeste e aproximando o Sul do Nordeste você estava, quer você quisesse quer não, aproximando a panela de ferro da panela de barro.